

EDUCAÇÃO, TRABALHO E CIDADANIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: A UNIVERSIDADE POPULAR DE
 PIRACICABA (1910-1921)¹
 EDUCATION, WORK AND CITIZENSHIP AT THE BEGINNING OF THE 20TH CENTURY: THE POPULAR UNIVERSITY OF
 PIRACICABA (1910-1921)

Cesar Romero Vieira*
 cesar.vieira@unimep.br

Ana Clara Bortoleto Nery**
 ana-clara.nery@unesp.br

Tony Honorato***
 tony@uel.br

RESUMO: Piracicaba, interior de São Paulo, foi palco de uma experiência de educação popular ímpar, no Brasil – pois teve caráter distinto de sua congênere denominada Universidade Popular de Ensino Livre do Rio de Janeiro (1904). A Universidade Popular de Piracicaba, inspirada em valores positivistas e republicanos teve como proposta inicial a vulgarização das ciências e das artes e tornou-se uma espécie de confraria da elite intelectual local. Nosso objetivo, neste artigo, será investigar as estratégias que deram origem a criação desta Universidade, e tentar, dentro dos limites que aqui se impõem, compreender por que seus traços constitutivos se distanciam tanto da experiência anterior, se a princípio, as duas instituições são originárias de uma mesma fonte. Partindo da análise de documentos da instituição e da imprensa periódica foi possível perceber as formas pelas quais ela se manteve ativa por pouco mais de 10 anos oferecendo formação física, científica e cultural para a população operária sob o olhar atento dos intelectuais locais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Popular; Universidade Popular de Piracicaba; Formação do Trabalhador.

ABSTRACT: Piracicaba, in the interior of São Paulo, was the place of a unique popular education experience, in Brazil - distinct from a similar institution named Popular University from the Free Education of Rio de Janeiro (1904). The Popular University of Piracicaba, inspired by positivist and republican values, had as its initial proposal the popularization of the sciences and the arts. It was a confraternity of the local intellectual elite. Our objective, in this paper, will be to investigate the strategies that gave rise to the creation of this institution. We will try, within the limits imposed here,

¹ Este trabalho conta com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP (1993 e 2000) e Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP (2006). Graduado em Teologia (1985) e Filosofia (1995). É professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP no Núcleo História e Filosofia da Educação.

** Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, com Pós-Doutorado pela Universidade de Lisboa e pela Universidade de São Paulo (USP). Professora adjunta (livre-docente) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

*** Pós-doutor em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências/FFC da Universidade Estadual Paulista (FFC/UNESP, 2015), Doutor em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras/FCLAr da UNESP (2011), Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP, 2005) e Graduado em Educação Física pela Faculdade de Ciências e Tecnologias (FCT/UNESP (2002). Líder do Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores (Diretório CNPq), membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em História da Educação (LEPHE/CNPq) e membro do Grupo de Pesquisa A sociologia figuracional de Norbert Elias (UNIFESP/CNPq). É membro da Figurational Network e é Fellow of "Norbert Elias Foundation". Membro Sócio da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Atualmente é Professor Associado AS-B do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina/UDEL, atuando na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPEdu - Linha de Pesquisa: Perspectivas Filosóficas, Históricas, Políticas e Culturais da Educação).

to understand why its constitutive traits are so distant from the previous experience, considering that the two institutions have a common origin. Based on the analysis of documents from the institution and the periodical press it was possible to perceive the ways in which she remained active for just over 10 years offering physical, scientific and cultural training to the working population under the observation of local intellectuals.

KEYWORDS: Popular Education; Popular University of Piracicaba; Worker Training.

Introdução

No transcorrer das primeiras décadas do século XX, Piracicaba já se fazia anunciar não somente em suas produções publicitárias locais, mas na admiração dos visitantes que por lá passaram e deixaram registrados em crônicas, poemas e relatos, suas impressões sobre a prosperidade e o progresso material daquele município do estado de São Paulo, principalmente em seus aspectos culturais e educacionais. Era a Piracicaba que Flávio Moraes de Toledo Piza descrevia como uma cidade de “alma diferente”, na introdução do livro de Mario Neme (1974, p. 12-13).

[...] era a Piracicaba das conferências frequentes na biblioteca da Universidade Popular; era a Piracicaba dos saraus do Santo Estevão, construído pela iniciativa particular; era a Piracicaba que Sud Mennucci, de parceria com Samuel Neves, teimava em transformar no município mais alfabetizado da União; [...] era a Piracicaba em que a Arte e a Beleza pairavam no ambiente, não sendo possível evitar o seu contacto e a sua influência sobre as sensibilidades.

Piracicaba, nesse período era o quinto município em número de habitantes do estado de São Paulo e, proporcionalmente, o segundo na oferta de escolas. De acordo com a historiadora local Marli Perecin (1986; 2004), a edilidade nesse período aplicava um sexto de suas rendas em educação, proporcionalmente mais do que qualquer outra municipalidade paulista. Segundo ela, “o ufanismo piracicabano de fundamento liberal-positivista encontrou a justa medida na avaliação do intelectual italiano, Roberto Capri” (2004, p. 24), que atribuiu à cidade, por sua reputação em matéria de educação, o epíteto de “Ateneu Paulista”.

Neste período, Piracicaba já apresentava um quadro social, político e econômico bastante complexo, em medida justificado pelo processo de urbanização iniciado nas últimas décadas do período imperial e que ganhara impulso com a proclamação da República, bem como, no plano econômico e social, pelo predomínio da indústria açucareira e a modificação das relações de trabalho resultantes da abolição da escravidão e da intensificação do fluxo migratório de origem europeia para a região. A antiga “elite agrária”, que comandava os

destinos da nação, aos poucos vai cedendo espaço à formação de uma nova classe social, a burguesia paulista que a partir do final do século XIX vai assumindo os destinos da nação.

A elite piracicabana, ancorada no ciclo virtuoso da agroindústria canavieira, nas lavouras de café e na política liberal republicana dos Moraes Barros e correligionários, ocupara as diversas figurações de poder no mundo do trabalho, na política e, em particular, na educação para modernizar o município como lugar de urbanidade, civilidade e cidadania para o progresso material e imaterial da população. A educação institucionalizada, nesse momento, passa a ser *locus* privilegiado do exercício dessa modernização por meio de figurações educativas que preparariam a juventude para a complexidade do viver coletivo que encontra no trabalho a base dos direitos, da realização pessoal e das sociabilidades formativas dos cidadãos úteis à localidade e à nação. O prestígio do território demandaria a existência de instituições formativas potencializadoras do desenvolvimento da população.

É nesse cenário de transformações que surgem as condições ideais para a implantação de experiências educativas populares em Piracicaba, entre elas a Universidade Popular de Piracicaba (UPP), inaugurada em 1910. A historiografia local tratou esta instituição como a primeira do gênero no Brasil, mas de fato existiu uma experiência anterior na cidade do Rio de Janeiro, em 1904. Contudo, esta experiência não teve o êxito esperado, mantendo suas portas abertas apenas por quatro meses. Nosso objetivo, neste artigo, será investigar as estratégias que deram origem à criação desta Universidade e tentar, dentro dos limites que aqui se impõem, compreender por que seus traços constitutivos se distanciam tanto da experiência anterior, se a princípio, as duas instituições são originárias de uma mesma fonte.

Guiados pela ideia de que a história narrada não é um espelho fiel da História vivida, nos propomos a partir do exame de documentos históricos e fontes jornalísticas, levantar algumas possibilidades para se pensar o passado de modo que faça sentido para os dias atuais e que também promova estranhamentos. Aventamos que a Universidade Popular de Piracicaba foi concebida para ser lugar de formação integral do homem considerando a educação intelectual, física e moral atrelada à formação de diversas classes (mocidade, mulheres, trabalhadores, comerciantes, lavradores, fazendeiros) para o mundo social do trabalho que exigia a articulação entre os saberes sistematizados e a vida útil, entre a produção material e as ações beneficentes, entre a educação complexa do indivíduo e o

ordenamento do progresso da sociedade. Em síntese, sua intenção era a busca por uma sociedade disciplinada, organizada e trabalhadora.

O movimento das Universidades Populares

A primeira Universidade Popular foi organizada na França, por Georges Deherme, em 1899, como um modelo alternativo de educação popular cujo objetivo principal era tornar o conhecimento acessível à classe trabalhadora, em um espírito de fraternidade para que fossem úteis à sociedade tanto no aspecto pessoal como profissional. Dirigida inicialmente para a classe trabalhadora para despertar-lhe interesses intelectuais e morais, a Universidade Popular assumiria diferentes características nos contextos onde foram criadas. Lucien Mercier, um de seus principais estudiosos, dirá que “el desarrollo es espectacular, tanto como rápido el descrédito” (2001, p. 118).

Georges Deherme (1867-1937) foi, em sua juventude, aprendiz de marceneiro, tipógrafo e joalheiro e por um período participou ativamente de reuniões do movimento anarquista francês, mas encontrou no positivismo de Augusto Comte, a nova ciência que lhe daria as condições necessárias para analisar e compreender o funcionamento das sociedades humanas. Em 1895, já distante do movimento anarquista, lançou a revista mensal de sociologia positiva, *La Coopération des idées*; em 1898, organizou seu primeiro grupo de estudos em torno do tema de “La cooperación de las ideas para la instrucción superior y la educación ética social del pueblo” (MERCIER, 2001, p. 119); e em 12 de março de 1899, ao lado de Gabriel Séailles (1852-1922), republicano, professor de filosofia na Sorbonne, criou a Sociedade das Universidades Populares. Seis meses depois fundariam a primeira Universidade Popular de Paris, secundada pela participação e o apoio de uma grande parcela de ativistas e intelectuais de diferentes matizes políticas e ideológicas que se debatiam em torno de duas questões fundamentais para a união social da França, naquele período:

¿Cómo resolver la “cuestión social” para evitar que estalle el cuerpo social?, ¿cómo reforzar la democracia y restablecer el espíritu público? La respuesta a la desunión social es la educación. Es una convicción fuertísima y el imperativo pedagógico se impone a todas las familias ideológicas. La meta es el pueblo, elemento sano de una sociedad decadente. (MERCIER, 2001, p. 120)

A educação era, pois, a única saída que a todos unia. Nas palavras de Deherme, “um ponto em que todos concordam é a necessidade da educação do povo. Para todos, é o trabalho essencial e urgente” (DEHERME, 1899, p. 33, tradução nossa²).

Esta iniciativa serviu de protótipo para uma série de experiências em diversos países incluindo a Bélgica, Espanha, Portugal e Brasil. Se, por um lado, na França as Universidades Populares estavam voltadas, prioritariamente, para a classe operária, em Portugal e no Brasil³ elas foram criadas mais com o propósito de integração cultural e social, dirigida ao povo em sentido lato, sem distinção de classes. Assim se manifestou na imprensa, Jaime Cortesão, sobre esta particularidade portuguesa: “Em Portugal, pelo contrário, as U.P. têm de se dirigir ao Povo num sentido muito lato e aliás mais verdadeiro.” Prossegue ele em suas ponderações, “[...] e considerar esse Povo, todo o Portugal, como falho de educação” (CORTESÃO, 1902, p. 19).

O início da Universidade Popular em Portugal estava atrelado ao conjunto das preocupações daqueles que viam a educação como um fato social capaz de ser utilizado como instrumento privilegiado no processo evolutivo da sociedade, e que daria a sustentabilidade necessária ao jovem regime republicano, consolidado somente em 1910. Para Pintassilgo, mais do que fazer a reforma política “tornava-se necessário, principalmente, fomentar o progresso por via da educação e da cultura e contribuir para a promoção cívica do povo” (2006, p. 1), numa clara ação civilizatória. A difusão da educação e da cultura era considerada necessária para o projeto de regeneração social de Portugal.

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, Portugal foi marcado por uma crescente intervenção de uma elite republicana no campo da educação com a propositura de projetos, principalmente voltados para a área da educação popular. Segundo Pintassilgo (2011), tal movimento teria sido motivado pela

[...] crença de raiz positivista no papel decisivo da educação e da cultura como fonte de progresso e regeneração social, o investimento político republicano, considerado inseparável do combate contra o analfabetismo, além do labor cultural de pendor iluminista da maçonaria foram algumas das

² “Un point sur lequel tout le monde est d'accord, c'est la nécessité de l'éducation du peuple. Pour tous, c'est l'oeuvre essentielle, urgente”.

³ Embora no Brasil, as duas experiências que conhecemos, tenham nascido com propósitos distintos. Ao longo do trabalho, faremos observações pertinentes às duas experiências.

condições que favoreceram a afirmação de um discurso que colocava o povo e sua educação no centro do debate político e social. (2011, p. 215)

Com essas premissas difundiu-se um importante número de instituições que tinham como missão a promoção da cultura do povo português. Estas instituições ficaram conhecidas por universidades livres ou universidades populares e foram fundadas tanto pelo “republicanismo oficial”, no dizer de Pintassilgo, quanto pela iniciativa de instituições associativas também preocupadas com a vulgarização científica e cultural do país, como foi o caso do movimento cultural conhecido como *Renascença Portuguesa*, que após um ano de existência, já havia fundado duas Universidades Populares em Portugal, em 1912, uma no Porto outra em Coimbra.

Guardando as devidas proporções com a situação portuguesa, o Brasil também enfrentou problemas semelhantes com a organização e estabelecimento do novo regime. Estava claro, aos olhos de intelectuais republicanos e liberais, que a mudança da forma de governo, por si só, não garantiria a formação de um espírito cívico. Era necessário se valer da educação tida “como a mais decisiva entre as forças inovadoras da sociedade”, para reverter o quadro de analfabetismo e atraso da sociedade brasileira e inculcar no país o espírito da civilização moderna. Era necessário despender maior atenção às modalidades informais de educação a fim de atingir também o contingente populacional dos homens livres e libertos despossuídos. Embora esta consciência já estivesse de certo modo latente nas últimas décadas do regime monárquico, era mais intensa nos discursos e nas iniciativas dos republicanos e liberais preocupados com o direcionamento do futuro da nação e com o projeto de regeneração social de um povo. A educação tornou-se indispensável ao desenvolvimento social e econômico do país e sua difusão passa a ser tarefa de todos, como fica evidente nas considerações republicanas feitas nas páginas de *A Província de São Paulo*, em 20 de outubro de 1875.

Instruir o povo! Eis a propaganda oficial que encontramos a cada passo pregada pelos homens do governo. Desde que o imperador compreendeu o plano que os republicanos começaram a executar criando escolas populares e gratuitas, ele tratou de imprimir direção prudente à corrente das novas ideias. (ESCOLAS PÚBLICAS, 1875, p. 2)

A partir desse período surgiram várias instituições beneméritas no país, com o objetivo de preparar o homem do povo para o trabalho como mecanismo de promoção de direitos e cidadanias úteis ao progresso social e cultural. Em Piracicaba registra-se a Sociedade

Propagadora da Instrução Pública, fundada em 1893; a Sociedade Igualitária Instrutiva, em 1897; o Asilo de Órfãos do Sagrado Coração de Maria, em 1898; a Sociedade Beneficente 13 de maio, em 1901; a Sociedade Beneficente Operária, em 1903; a Escola Masculina da Sociedade Cooperativa Beneficente do Monte Alegre, em 1905, e a Escola Feminina em 1906; a Società Italiana di Mutuo Soccorso, que mantinha uma Escola Elementar, fundada em 1899. Tais instituições tinham por propósito a criação de escolas para a população excluída das escolas públicas e particulares da cidade.

Joaquim Floriano de Godoy, ao relatar a situação da instrução pública na província de São Paulo, diz que “o movimento da instrução popular sem a *tutela* do governo já é notável. Ele partiu da capital e irradiou-se até os mais remotos municípios da província”. Prossegue ele:

Na província [de São Paulo] existe a notável associação Propagadora da Instrução Pública, que foi constituída pela nata da sua população. Para a realização de tão fecundo pensamento concorrem os ricos com sua bolsa, o homem da sciencia com seu saber, e até as senhoras com donativos e com a animação de sua palavra. Alli há alimento moral e intellectual para todas as classes: as sciencias sociaes, econômicas e experimentaes são propagadas em methodos fáceis e ao alcance de todas as intelligencias. (GODOY, 2007, p. 86)

A primeira Universidade Popular fundada no Brasil foi na cidade do Rio de Janeiro e durou apenas alguns meses. Inaugurada no dia 24 de julho de 1904 encerrou prematuramente suas atividades em outubro do mesmo ano. Considerada uma experiência educacional de cunho anarquista, a Universidade Popular de Ensino Livre, UPEL, tinha como estratégia mobilizar os trabalhadores para uma “revolução social” que viria pela “mudança nas mentes que, por meio da instrução, tornaria perceptíveis os benefícios da cooperação e da solidariedade, em oposição às mazelas impostas pelos governantes aos trabalhadores” (LAMELA, 2017, p. 137). Mesmo tendo tido uma existência efêmera, a UPEL esteve presente em publicações da imprensa libertária tanto do Rio de Janeiro como da capital paulista.⁴

Apesar da tese de que o fracasso das UPs estivesse ligado ao grande desnível entre a “provável erudição dos mestres, em contraste com a vida cultural proletariada” (GHIRALDELLI, 1987, p.122), pesquisas recentes apontam também para outros componentes. No caso da Universidade Popular do Rio de Janeiro, as diversas correntes ideológicas internas, as

⁴ *O amigo do povo*, periódico anarquista editado por Neno Vasco, dentre outros.

desavenças e as graves faltas administrativas e financeiras conduzidas por um de seus fundadores, Elysio de Carvalho, podem ter sido uma das causas do fechamento de suas portas prematuramente (LAMELA, 152, p. 1982).

Universidade Popular de Piracicaba: objetivos e características

Diferentemente da experiência fluminense, não encontramos referências à estratégia de divulgação definida por um “comitê de propaganda”, a não ser algumas notícias veiculadas pela imprensa local⁵, da capital⁶ e de outros estados,⁷ dando a conhecer, sempre com palavras elogiosas, a iniciativa da sociedade piracicabana. A primeira notícia que encontramos é da *Gazeta de Piracicaba*,⁸ informando no dia 19 de agosto de 1910, que um empreendimento educativo e social estaria sendo organizado na cidade.

Sabemos que um grupo de cavalheiros da nossa sociedade, trata activamente da fundação, nesta cidade, de uma Universidade Popular amoldada ás instituições congêneres existente na Europa. O fim principal da Universidade é diffundir entre a generalidade dos intellectuaes os conhecimentos scientificos, sociologicos, literarios, philosophicos e artisticos, de modo a poderem ser assimilados por via do simples raciocínio, sem preparação scientifica alguma.

É o que se póde chamar uma obra de vulgarização.

Para chegar a esse resultado serão instituidas conferencias systematicas, em linguagem simples e nas quaes o conferencista terá como principal preocupação despojar o assumpto de tudo quanto possa ter de aridez scientifica, para o colocar ao alcance de todas as intelligencias.

Serão realizados concertos musicais, precedidos de explicações sobre a peça executada, sobre o character da musica e a biografia do compositor [...].

Para a educação e a cultura de gosto artistico serão organizados saraus literarios e dramaticos [...]. Para esse fim a Universidade tem, como principal parte do seu programa, á criação de uma grande biblioteca popular em Piracicaba [...].

A universidade será tambem uma instituição de beneficencia. Como centro de educação moral ella não poderá se conservar indifferente á miséria humana [...].

Ahi, unidos pelos mesmos ideaes e pelos mesmos sentimentos de fraternal sympathia e de amor pela instrucção, se reunirão todos os representantes do trabalho, burgueses, empregados, professores, operarios, estudantes sem distincção de idade, nem de sexo, todos animados pelo mesmo desejo de contribuir para o bem de todos.

[...] A sessão inaugural será levada a efeito em principios do proximo mez de setembro. (UNIVERSIDADE POPULAR, 1910a, p. 1 e 2)

⁵ *Gazeta de Piracicaba; Jornal de Piracicaba.*

⁶ *Correio Paulistano; Estado de São Paulo; A Vida Moderna.*

⁷ *O paiz (RJ); A Imprensa (RJ); A Escola (PR); A República (PR).*

⁸ Manteremos a mesma ortografia utilizada nas páginas dos jornais locais consultados.

O *Jornal de Piracicaba* só registraria, no dia 2 de setembro, informações sobre esse acontecimento ao se referir a um “comitê fundador” que enviara à redação do jornal, um convite para a sessão inaugural no dia 3 de setembro (UNIVERSIDADE POPULAR, 1910b, p. 2). No dia seguinte, o mesmo jornal divulgaria a programação completa do evento, que estava dividida em três partes: discurso do Dr. Sebastião Nogueira de Lima⁹ e apresentação do conferencista da noite, prof. José Feliciano de Oliveira;¹⁰ a segunda e terceira partes dedicadas a apresentações musicais. O encerramento dar-se-ia com a apresentação dos Hinos à Pátria (letra de Honorato Faustino¹¹) e à Escola Complementar de Piracicaba (letra de João L. Rodrigues¹²), executados pelas alunas dos 3º e 4º anos femininos e 4º ano masculino com regência do maestro Lázaro Lozano.¹³

A iniciativa da instalação de uma Universidade Popular em Piracicaba veio da parte de Jacques Arié,¹⁴ professor da Escola Agrícola de Piracicaba. Ao seu lado estava o dr. Sebastião Nogueira de Lima, delegado de polícia da cidade, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, que viria a ser, ao longo de uma década, um de seus mais atuantes colaboradores. As Universidades Populares já eram uma realidade na França, quando Arié veio para Brasil, o que pode explicar sua ligação direta com a experiência no país de origem.¹⁵

Com a conferência realizada no Theatro Santo Estevão, às 8 horas e meia da noite de 3 de setembro de 1910, dava-se a inauguração da Universidade Popular de Piracicaba, criada a 29 de agosto daquele ano. Naquela festiva noite, distintos cavalheiros acompanhados de suas esposas ouviram atentos o discurso que Sebastião Nogueira de Lima fazia sobre os

⁹ Desembargador Sebastião Nogueira de Lima formou-se pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em 1904. Foi delegado de polícia em Piracicaba, entre 1907 e 1913. Em 1945 foi Interventor Federal do Estado de São Paulo.

¹⁰ José Feliciano de Oliveira foi um dos maiores expoente do positivismo paulista. Por sua postura intelectual, recebeu o título de “Testamenteiro do Mestre” (Augusto Comte).

¹¹ Honorato Faustino (1867-1948), diplomado professor normalista pela Escola Normal de São Paulo e médico pela Faculdade de Curitiba, além de ter contribuído na formação de professores exercendo a função de docente e diretor escolar em renomadas escolas paulistas, foi um dedicado compositor e cultor de letras.

¹² Autoriedade da instrução pública paulista, foi docente e diretor escolar, autor de 2 livros publicados pelo Instituto Anna Rosa: *Livro Jubilar* e *Um retrospecto*, ambos de 1930.

¹³ Espanhol de origem, estudou harmonia, piano e clarinete. Aprofundou estudos no Real Conservatório Nacional de Música e de Declamação de Madri. Foi docente de escolas de formação de harmonia, piano e ao lado do irmão Fabiano Lozano foi responsável pela criação do Orfeão Escolar nas Escolas Normais paulistas (GILIOLI, 2003).

¹⁴ Engenheiro agrônomo francês, contratado para a cadeira de Química da Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz (atual Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/USP). Entre 1905 e 1909, organizou o laboratório de Química da instituição. Posteriormente, foi pesquisador do Instituto Biológico de São Paulo.

¹⁵ Embora fosse Ariés um de seus maiores idealizadores e tenha ocupado a presidência nos dois primeiros mandatos administrativos, sua participação foi muito prejudicada, com constantes intervalos de ausência no comando da diretoria, por motivos de viagem ao país natal e por fim mudança de cidade.

motivos daquela reunião e posterior apresentação do conferencista da noite. No discurso introdutório fica evidente que a fundação da UPP não era algo que estivesse no horizonte de suas pretensões, ao dizer que só nos primeiros dias do mês de julho, teve conhecimento de sua existência ao ser indagado “por um dos mais simpáticos vultos do corpo docente da Escola Agrícola desta cidade” (FOLHETO DE PROPAGANDA, 1910, p. 5). Em sua fala, percebe-se que a criação da UPP fora uma associação de circunstâncias que facilitaria o desejoso trabalho de conciliação das classes sem os perigos da formação de elementos perturbadores da ordem social mais dispostos a reclamar seus direitos do que cumprir com seus deveres, como ficaria explícito na conferência de José Feliciano de Oliveira. Dizia ele que “uma ponderada reforma do ensino e a fundação das universidades populares podem melhorar essa triste, acabrunhadora situação político social” (1910, p. 13) que se instalara no seio das sociedades, despertando no trabalhador “verdadeiras necessidades intelectuais” (1910, p. 21).

Sebastião Nogueira revelara o pouco, ou nenhum conhecimento da organização e fins desta instituição popular, deixando brechas para intuir que esse desconhecimento também atingia a maioria dos ouvintes. “Instituição ainda desconhecida no Brasil, muito peculiar às cidades europeias, notadamente da França e da Bélgica sobre a qual a nossa imprensa pouco ou nada tem falado” (FOLHETO DE PROPAGANDA, 1910, p. 6). É bem provável que nesse exato momento a plateia tenha se entreolhado, disfarçando discretamente sua ignorância momentânea, para em seguida apurar os ouvidos para melhor escutar as novidades que se seguiriam. Sebastião Nogueira, prosseguiu relatando o que o prof. Arié deu-lhe a conhecer, que a Universidade Popular era uma “associação de todos os elementos bons de uma sociedade boa, consagrados por um só fim de solidariedade humana, para o desenvolvimento intelectual de um povo e o aperfeiçoamento pratico de uma raça” (1910, p. 6). Revelou-lhe que uma Universidade Popular:

[...] é ciência, numa vulgarização eminentemente popular; é arte, numa participação fácil de todos os seus encantos e devaneios; é amor, inspirado pela caridade, que se planta no seio das famílias, que se ensina aos que desconhecem a grandeza de sua pratica e que se administra aos que delle vivem divorciados pelas misérias e agruras da vida. Também é traço de solidariedade intellectual entre os homens e, finalmente, democracia que eleva um povo a perfectibilidade de um civismo sem par. (1910, p. 6)

Há neste discurso traços do positivismo comtiano presentes no ideário republicano de educação para regeneração dos homens. Tem-se a ciência como um foco de luz que disseminaria aos populares esclarecimentos das concepções. Os sentimentos nobres

enalteceriam relações entre os homens em comunhão societária ordeira e de progresso. A democracia representaria o regime ideal que conduziria o povo em direção à harmonia da vida cívica universal. A UPP seria uma instituição porta voz do futuro, ancorada na utopia científica, cultural e educacional baseada no associativismo moderno. Os fenômenos sociais, entre eles o trabalho na vida moderna, seriam analisados, explicitados e comunicados sob a forma científica condutora do povo à harmonia e perfectibilidade.

Assim como o espírito de Sebastião Nogueira ficou-se “completamente empolgado” ao ser apresentado aos ideais e fins da Universidade Popular, é possível indagar sobre a repercussão que aquelas palavras tiveram no seio da sociedade piracicabana. Se por um lado, como dissemos, não há indícios de uma estratégia clara de divulgação anterior, por outro não é possível deixar de registrar a agilidade com que tais ideias se materializaram e se disseminaram pela imprensa em geral.

Os documentos analisados mostram que a primeira diretoria foi empossada em assembleia geral realizada no dia 1º de setembro daquele ano, e no dia 30 de outubro, domingo, o *Diário Oficial* já divulgava os Estatutos da Universidade Popular de Piracicaba¹⁶ e no dia 12 de novembro, os sócios e demais representantes da sociedade piracicabana receberiam um impresso, denominado “Folheto de Propaganda”, com 35 páginas, contendo a íntegra do discurso de apresentação, a conferência de abertura e os Estatutos da instituição, subdivididos em seis capítulos.

A edição do *Jornal de Piracicaba* de 10 de setembro reproduziria em sua primeira página, os fins da UPP:

1º.- A vulgarização das materias que são objeto do ensino secundário e superior no que diz respeito ás sciencias, á literatura, ás artes em geral a todos os ramos da atividade humana (Sociologia, religião, philosophia, commercio, industria, agricultura, etc.).

2º.- O desenvolvimento physico do homem pelos exercicios gymnasticos e sportivos racionaes e pelo conhecimento dos principios essenciais de hygiene.

3º.- O desenvolvimento do sentimento de amizade entre os homens e entre as nações, constituindo e ajudando a constituição de obras de beneficencia, de mutualidade e de qualquer utilidade geral.

4º.- Estabelecer pequenas industrias manuaes para sustentar os enfermos, incapazes de grandes esforços.

¹⁶ Os estatutos da Universidade Popular de Piracicaba foram registrados sob o número de ordem dezessete do livro A, em 12 de novembro de 1910, e seus objetivos sociais registrado, no 1º Cartório de Registro de Imóveis e anexos de Piracicaba.

5º.- Estabelecer cozinhas economicas onde, mediante um preço modico, os trabalhadores possam achar uma alimentação sã e substancial.

6º.- Ensinar á mocidade de todas as classes, as línguas, a datilografia, a estenografia, a contabilidade e a correspondencia commercial, facilitando-lhes a collocação.

7º.- Estabelecer uma escola pratica domestica para moças de todas as classes onde ellas poderão aprender tudo o que faz uma bôa dona de casa. (UNIVERSIDADE POPULAR, 1910c, p. 01)

Se o primeiro objetivo se apresenta como uma forma de aquisição da cultura letrada e o segundo como parte essencial do modelo escolar, mas ainda assim como elementos de regeneração da raça rumo à modernidade desejada pelos republicanos, os demais desvelam o caráter benemérito da instituição, sendo que a partir do 4º item, floresce a formação para o trabalho por meio de aprendizagens mais voltadas ao ordinário como alimentação, contabilidade, a organização do lar etc.

A missão geral da UPP consistia em promover uma educação integral caracterizada pela dimensão do intelecto, do físico, da moral, do social e do trabalho dos indivíduos em sociedade. A instituição tinha como propósito atender a população de todas as classes sociais, promovendo atividades destinadas desde aos mais abastados (fazendeiros, empresários, comerciantes, outros) e trabalhadores (do comércio, da agricultura, das fábricas, outros), envolvendo a mocidade, as mulheres até o atendimento aos mais enfermos incapazes. Não é à toa que as atividades ocorriam no período da noite, exceto cursos específicos voltados para as moças que eram ministrados na parte da manhã.

A disseminação de concepções, ensinamentos e ideais, incluindo aquilo que se ensinava nos colégios e nas faculdades, era uma finalidade para se fazer chegar à população conhecimentos de forte traço positivista com o objetivo de fortalecer a dimensão intelectual. Esta se sustentaria em saberes científicos, literários, religiosos, artísticos, sociológicos e filosóficos, bem como em saberes da vida útil ligada ao trabalho no comércio, na indústria, na agricultura e no âmbito doméstico da casa. O ideal de formação humana era representado pelo reificar dos saberes, articulando assim os saberes conceituais aos diferentes ramos da vida útil dos trabalhadores, das elites, dos cidadãos.

A UPP considerava que o ser humano deveria cuidar de seu desenvolvimento físico, para tanto os exercícios ginásticos e esportivos seriam úteis para atingir princípios essenciais de saúde e de higiene em tempos que os cuidados para com a corporeidade consistiam em exigência do mundo moderno tanto na esfera do social, da saúde pública e do trabalho. Era

um imperativo enfrentar as enfermidades atrapalhadoras da ordem social, moral e do progresso da sociedade.

Uma outra finalidade da UPP dizia respeito ao desenvolvimento dos sentimentos nobres da formação humana como o de amizade, de caridade, de mutualidade e de outros de utilidade geral, dessa maneira fortaleceria os laços entre os homens e entre as nações. Reconhecia-se que entre os membros de uma sociedade eram necessárias ações de assistências e beneficência para que os enfermos tivessem atendimentos minimamente dignos e os trabalhadores tivessem acesso à alimentação significativa para a manutenção de sua força produtiva com qualidade e rendimento.

Enfim, encontra-se a proposição de formação e desenvolvimento humano para o mundo social do trabalho. Objetivava-se ensinar a mocidade de todas as classes saberes úteis de inserção e colaboração no mercado de trabalho tais como “as línguas, a datilografia, a estenografia, a contabilidade e a correspondência comercial”. Tem-se então que a esfera pública moderna e urbana exigia outras habilidades, relações e colaborações entre a mocidade responsável pelo futuro das localidades e nações. Especificamente para as mulheres, a instituição propunha em seu estatuto uma educação de economia doméstica para desenvolver o “bom” trabalho no âmbito do lar: as moças de todas as classes poderiam “aprender tudo o que faz uma boa dona de casa”.

Em seu primeiro ano de constituição da UPP, a imprensa local noticiou que a Universidade promovia inúmeras atividades como aulas (inglês, francês, alemão, literatura), cursos, recitais, saraus, palestras, chamadas para novos sócios, festejos comemorativos (dia das crianças, Natal), biblioteca aberta à população, conferências e atividades recreativas. Chama-nos atenção o fato de que uma das conferências era destinada aos fazendeiros, lavradores e demais membros da “boa sociedade”, sobre a conservação do meio ambiente, tendo como título “A devastação e a conservação das mattas”.

Hoje, às 8 horas da noite, o dr. Ihering, digno director do Museu Paulista, Ipiranga, fará, na séde, da Universidade Popular, uma conferência sobre *A devastação e a conservação das mattas*.

Em vista da importância do assumpto e da alta competencia do conferencista, universalmente conhecido como cientista, a Universidade convida toda as pessoas que se interessam pelo assumpto, membros ou não, e especialmente os fazendeiros, a quem mais directamente póde aproveitar uma conferencia neste sentido. (UNIVERSIDADE POPULAR, 1910d, p. 1)

Na edição do dia 30 de dezembro, o Jornal de Piracicaba estampou na primeira e segunda páginas, com o sub título “Devastação de mattas”, a repercussão do evento.

O salão da Universidade estava literalmente cheio de lavradores, senhoras e pessoas da mais alta collocação social, mesmo porque tratando-se de um assumpto que vae despertando vivo o interesse do publico, foi geral a expectativa creada em torno do afamado homem de sciencia. (CONFERENCIA VON IHERING, 1910, p. 1)

O conferencista foi o Dr. Von Ihering – filho de jurisconsulto alemão, estudioso de botânica e diretor do Museu do Ipiranga –, fora convidado pelo Dr. Jacques Arié, lente da Escola Agrícola de Piracicaba e presidente da UPP, na ocasião. A conferência provocou aos presentes pensarem sobre a importância do manejo consciente da vegetação, o que demandaria ações que superassem a derrubada da floresta verdejante a golpes de machado sem sequer restituir ao solo com outra vegetação para compensar a perda. Nas palavras de Ihering, “[...] si desaparecerem as alterosas florestas do Sul do Brasil, quem poderá prever o tristíssimo destino que vae ter a riqueza nacional? Sapeseiros, campos nús, collinas descobertas e expostas à acção abrasadora do calor, cafesaes e ausência de chuvas!” (CONFERENCIA VON IHERING, 1910, p. 2). A conferência é encerrada indicando que a sociedade brasileira carecia de políticas e leis para regularem as atividades de trabalho no campo que dizem respeito à derrubada de florestas para extração de madeiras e de abertura de outras frentes agrícolas da base da cadeia produtiva. A liberdade e o futuro promissor da produção econômica de riquezas, na visão de Ihering, dependeria das atividades sociais do mundo do trabalho que deveriam defender a conservação do solo, dos rios e das matas considerando os ordenamentos científicos.

Considerações finais

Piracicaba, por ter sido palco do escravismo, com episódios de extrema violência vivenciados pelos escravizados e por ter uma comunidade de afrodescendentes organizada desde o pós-abolição, ao lado de muitos movimentos em prol da cultura, num contexto de uma crescente expansão do ensino público, teve, naquele momento, as condições ideias para a constituição de uma instituição que se ocupasse na promoção de formação cultural para a classe trabalhadora. No entanto, a UPP, de forte orientação positivista – diferente da experiência da capital do país -, não parece ter tido como preocupação a formação para o trabalho, mas uma formação que proporcionasse a aquisição de uma dada cultura que garantisse um clima de harmonia social.

Enquanto que a conferência inaugural da UPEL, do Rio de Janeiro, acima citada, foi proferida por Elysio de Carvalho, editor da revista Kultur¹⁷ e figura controversa do anarquismo fluminense, a conferência de abertura da UPP fora proferida por José Feliciano de Oliveira, professor de astronomia, mecânica e matemática e um dos expoentes do positivismo paulista. Em sua exposição, Oliveira, ao falar do papel das Universidades Populares, enfatizou a necessidade de libertar, pela verdadeira educação, o povo da “indiferença e da anarquia corruptora” por meio da disciplina, da ordem e das leis; das mazelas que aprofundam as diferenças sociais, por meio do sentimento de igualdade que não faz distinção entre as classes, mas que fortalece o civismo e a fraternidade entre as pessoas; do feminismo irracional e monstruoso que fomenta a rivalidade no ceio de sua própria casa, por meio de uma educação moral voltada para o lar, para a estética e para o belo (FOLHETO DE PROPAGANDA, 1910).

Oliveira reafirmou a função salvadora da educação e da ciência como indutoras ao verdadeiro estado positivo. Para ele, a Universidade Popular era “uma cooperação de sentimentos ideias e vontades para afugentar os males da ignorância” e tornar os operários e cidadãos “conscientes operadores da vida cívica, livremente aceita” (1910, p. 20), conduzindo-os à realização de seu próprio destino cívico e “a concorrer desinteressadamente na formação e no exercício de uma benfazeja opinião pública” (1910, p. 24).

A Universidade Popular chegou a constituir uma biblioteca aberta ao público e este acervo continuou a existir após a sua extinção. Posteriormente, parte deste acervo foi incorporada à biblioteca da Escola Normal de Piracicaba. É bem provável que alguns de seus livros tenham chegado ao acervo da biblioteca da Escola Normal pelas mãos de um de seus membros ligado à Universidade Popular. Parte dos membros da UPP eram professores da Escola Normal de Piracicaba, entre eles Lázaro Lozano, Honorato Faustino e Antonio Firmino de Proença.¹⁸

A Universidade Popular de Piracicaba foi uma experiência impar no Brasil. Ao contrário das demais criadas em território nacional, ela permaneceu ativa por cerca de 10

¹⁷ Embora não se afirmasse como uma revista de tendência libertária, a Revista Kultur, fazia circular grande parte da produção do universo libertário nacional e internacional.

¹⁸ Antonio Firmino de Proença, paulista nascido em Sorocaba em 1880, formou-se professor pela Escola Normal de São Paulo e atuou como professor, dentre outras escolas, na Escola Normal de Primária de Piracicaba. Foi autora da Cartilha Proença, de alfabetização primária. Cf. Nery, 2010.

anos. Por ela ter sobrevivido por uma década é de supor que, de certa forma, tenha logrado alguns êxitos em seus propósitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; BARREIRA, Luís Carlos; NERY, Ana Clara B. Antonio Firmino de Proença na imprensa de educação e ensino. In: RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. (Org.). *Antonio Firmino de Proença: professor, formador, autor*. São Paulo: Porto de Idéias, 2010, v. 1, p. 61-80.

CASTRO, Rosane Michelli. João Lourenço Rodrigues (1869-1954): uma autoridade na esfera da instrução pública e intelectual paulista. In: MENEZES, Lis Angelis Padilha de. (Org.). *Educadores paulistas: histórias de vida e ações no âmbito educacional*. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2022, p. 131-140.

CONFERENCIA VON IHERING. *Jornal de Piracicaba*, Piracicaba, 30 dez. 1910, p. 01.

CORTESÃO, Jaime. (1912b, novembro). As universidades populares I: sua missão e necessidade em Portugal. A Vida Portuguesa. Disponível em: http://ric.slihi.pt/A_Vida_Portuguesa/visualizador?id=10072.001.003&pag=3. Acesso em: 20 set. 2022.

DEHERME, Georges. Les universités populaires en France. *La Coopération des Idées*. n. 39, avril 1899, p. 33-36. Disponível em: https://georgesdeherme.fr/fileadmin/site/Periodiques/Cooperation__La__des_idees_1896-1900/18990400__n__39__avril_1899.pdf. Acesso em: 29 set. 2022.

ESCOLAS PÚBLICAS. *A Província de São Paulo*, São Paulo, 28 out. 1875, p. 2.

FOLHETO DE PROPAGANDA: *Inauguração da Universidade Popular de Piracicaba*. São Paulo: Typographia Brazil de Rothschild & Cia, 1910.

GHIRALDELI JR, Paulo. *Educação e Movimento operário no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1987.

GILIOLI, Renato de S. P. “Civilizando” pela música: a pedagogia do canto orfeônico na escola paulista da Primeira República (1910-1930). 2003. 279 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2003.

GODOY, Joaquim Floriano de. *A província de S. Paulo: trabalho estatístico, histórico e noticioso*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: FUNDAP, 2007.

HONORATO, Tony. Honorato Faustino de Oliveira (1867-1948): uma trajetória educacional no interior. In: Lis Angelis Padilha de Menezes. (Org.). *Educadores paulistas: histórias de vida e ações no âmbito educacional*. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2022, p. 73-84.

LABOY, Roberto Gutiérrez. A filosofia educativa de Eugenio María de Hostos. *Revista Brasileira de Educação*. v. 16, n.46, p. 51-67, 2011.

LAMELA, Eduardo Carracelas. *Da instrução dos trabalhadores populares à revolução social: a formação da Universidade Popular de Ensino Livre no Rio de Janeiro em 1904*. 2012, 183 f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2012.

MERCIER, Lucien. La educación popular a través de la universidad popular em la Francia del siglo XX. Salamanca: *Revista Interuniversitaria*, n. 20, p. 117-135, 2001.

NEME, Mario. *História da fundação de Piracicaba*. Piracicaba, SP: IHGP, 1974.

NERY, Ana Clara B; VIEIRA, Cesar Romero. A. Popular University of Piracicaba: a proposal of popular education. In: *International Standing Conference for the History of Education 37*, 2015. v. 1. p. 261-262.

PERECIN, Marly T. G. *Os passos do saber: a Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz*. São Paulo: EDUSP, 2004.

PINTASSILGO, Joaquim. O debate sobre as universidades populares na imprensa portuguesa de educação e ensino. O exemplo de “A Vida Portuguesa” – 1912-1915. *Revista HISTEDBR On-line*, 24, 2006, p. 93-101. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revis.html>. Acesso em: 23 set. 2022.

PINTASSILGO, Joaquim. As universidades populares nas primeiras décadas do século XX em Portugal – o exemplo da Academia de Estudos Livres. CARVALHO, M.M.C. de; PINTASSILGO, Joaquim. (orgs). *Modelos Culturais, Saberes Pedagógicos, Instituições Educacionais*. São Paulo: EDUSP, 2011, p. 215-43.

UNIVERSIDADE POPULAR. *Gazeta de Piracicaba*, Piracicaba, 19 ago. 1910a, p. 1 e 2.

UNIVERSIDADE POPULAR. *Jornal de Piracicaba*, Piracicaba, 2 set. 1910b, p. 02.

UNIVERSIDADE POPULAR. *Jornal de Piracicaba*, Piracicaba, 10 set. 1910c, p. 01.

UNIVERSIDADE POPULAR. *Jornal de Piracicaba*, Piracicaba, 23 dez. 1910d, p. 01.

VALENTE, S.M.P. O movimento anarquista no Brasil. *Semina*, Londrina, 15(3), set.1994, p. 260-9.